



Estudo de Composição de Triângulos para a Casa Rubens de Mendonça, de Mário Gruber e F. Rebolo Gonçalves.

Com o lançamento deste número quatro, ratificamos os termos do último Editorial, quando apontamos como meta a consolidação da Revista. Experimentamos agora a satisfação de vê-la, pela primeira vez, alcançar periodicidade semestral, objetivo que perseguíamos desde seu primeiro número.

A tarefa de editar uma revista acadêmica possibilita o contato com um número muito grande de pesquisadores, suas produções e trabalhos de diversas vertentes. Sendo assim, muitas das áreas que conformam o campo da arquitetura e urbanismo encontram-se representadas nesta edição. Podemos iniciar com "La doble cara de la moneda" de Jorge Hernán Salazar Trujillo, texto em que o professor colombiano debate os cursos de graduação em arquitetura existentes para apontar a necessidade de superar a distância entre os ensinamentos de projeto e tecnologia nas faculdades.

A pesquisa em história do urbanismo comparece nesta edição em vários momentos. Mônica Peixoto Vianna descreve e analisa "O desmonte e a conversão dos núcleos residenciais operários construídos pela CESP". Em "Ribeirão Preto, uma modernidade *Entre Rios*: higiene, beleza e progresso no discurso da metrópole do interior paulista (1902-1930)", Rodrigo Santos de Faria analisa as políticas urbanas e os discursos que pautaram a modernização desta cidade. Por fim, o professor Carlos Roberto M. Andrade, em "Por uma Cidade São e Bela: o urbanismo dos engenheiros sanitaristas no Brasil Republicano", comenta o recente seminário em nosso departamento dedicado ao estudo do papel destes profissionais na reforma das cidades brasileiras entre fins do século XIX e meados do século XX.

Em “Notas sobre ‘A sedução do lugar’ de Joseph Rykwert, do protesto ao projeto”, a professora Regina Maria Prosperi Meyer comenta o livro recentemente editado deste importante historiador da arquitetura, do urbanismo e das cidades. Livro que constrói “uma visão do futuro das cidades do século XXI a partir da cidade e do pensamento urbanístico que marcaram os séculos XIX e XX”.

Outra aproximação à cidade aparece na secção “Transcrição”, que traz a tradução de Ana Cláudia de Castro do texto “Modernidade e mescla cultural”. Nele, Beatriz Sarlo discorre sobre as transformações da grande cidade moderna nas primeiras décadas do século XX, tomando como exemplo Buenos Aires. Entrelaçando descrições das mudanças urbanas com análises de produções emergentes da alta cultura e da indústria cultural, Sarlo caracteriza-a como “um cenário para as trocas culturais, onde, hipoteticamente, todos os encontros e empréstimos são possíveis”.

Estudos sobre a arquitetura moderna também estão presentes neste quarto número: o artigo de Ricardo Rocha aborda o vínculo entre arquitetura e política em “Algumas questões sobre autoritarismo e formação do ideário da arquitetura moderna carioca”. Em “Arquitetura moderna: textos fundamentais”, o professor Arquitetura moderna: textos fundamentais Renato Luiz Sobral Anelli comenta a recente publicação de livros de Ozenfant e Jeanneret e Gregori Wrachavchic. Eles abrem a série “Fontes da Arquitetura Moderna”, editada e prefaciada pelo professor Carlos Ferreira Martins, dedicada à divulgação e estudo de textos fundamentais sobre o tema.

O mestre suíço comparece outra vez no ensaio “O olho e a mão, o desenho na primeira viagem de Le Corbusier”. O professor Joubert José Lancha, por meio da análise dos desenhos dos cadernos de viagem de Jeanneret, aponta importantes mudanças em sua concepção sobre a arquitetura neste momento, que constitui o início de sua trajetória.

O artigo do professor José Tavares Correia de Lira, “Ruskin e o trabalho da arquitetura”, serve como um guia para o leitor se defrontar com a complexidade da passagem “Selvaticueza: um excerto de *A Natureza do Gótico*”. A sua tradução de parte deste capítulo, pertencente ao livro *Stones of Venice*, permite dar continuidade ao objetivo da secção “Referência” desta revista, que é a edição de textos clássicos inéditos no Brasil.

De certa maneira, o legado de John Ruskin conecta alguns dos textos presentes nesta edição. No ensaio de Lancha, o leitor atento, sem dúvida, encontrará a marca do pensador inglês nos desenhos iniciais dos cadernos de viagem de Le Corbusier.

Outras questões levantadas por Ruskin aparecem, talvez de forma pouco evidente à primeira vista, em duas entrevistas e uma resenha que, debruçando-se sobre a produção contemporânea, retomam a relação entre arte, vida e arquitetura.

Em “Artevida útil” o professor David Sperling, aproveitando a presença de Mônica Nador no departamento neste semestre, publica a entrevista que realizou com a artista cuja obra, presente na Bienal de São Paulo deste ano, caracteriza-se pela determinação em ampliar o público e o âmbito de atuação da arte. De outra visita ao departamento re-

sultou “Atenção: a percepção requer empenho”. Em conversa com os professores Sperling e Fábio Lopes, Antoni Muntadas, artista catalão residente em Nova York, comenta, além de sua rica e complexa trajetória internacional, tendências da cena contemporânea, as propostas desta última bienal e as conquistas e limites da atuação da arte voltada para a cidade.

Alguns dos pontos acima reaparecem na resenha que a professora Vera Maria Pallamin escreveu sobre a dissertação de Mestrado “Percepções e Intervenções na Metrópole. A experiência do ‘Projeto Arte/Cidade em São Paulo (1996-2002)’ de Gabriel Girnos de Souza, defendida neste semestre.

A seção “Janela” continua experimentando novos formatos. Na edição passada uma poesia de R. M. Rilke, “La Fenêtre”, inaugurou e nomeou este espaço que imaginamos como veículo para produções que, sem abandonar o rigor acadêmico, abordem temas da arte, arquitetura e o urbanismo com maior margem de liberdade criativa. Aproveitando as especificidades e oportunidades que o meio digital oferece, este número traz um ensaio montado a partir de imagens fotográficas tomadas em dois momentos distintos da residência Rubens Mendonça. Um texto do professor Miguel Buzzar situa esta obra dentro da trajetória do mestre Artigas.

Voltamos a agradecer aos nossos colaboradores, sem os quais teria sido impossível este número e, da mesma maneira, reafirmamos nosso empenho em contribuir para o debate contemporâneo. Desnecessário dizer que continuamos abertos a colaborações.